



CATÓLICA
PORTO

EDUCAÇÃO E
PSICOLOGIA



**EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

ATAS DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL

VOL. II – COMUNICAÇÕES LIVRES

EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E
DESENVOLVIMENTO HUMANO

ATAS DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL

VOL. II – COMUNICAÇÕES LIVRES

Porto

Universidade Católica Portuguesa
Faculdade de Educação e Psicologia

Ficha técnica

Título: Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do I Seminário Internacional, Vol. II – Comunicações Livres

Organizadores: Joaquim Machado (coord.), Cristina Palmeirão, Ilídia Cabral, Isabel Baptista, Joaquim Azevedo, José Matias Alves, Maria do Céu Roldão

Autores: Adérito Barbosa, Adorinda Gonçalves, Alcina Martins, Alexandre Ventura, Almerinda Coutinho, Amelia Alberto, Amélia Simões Figueiredo, Ana Carita, Ana Certã, Ana Cristina Castedo, Ana Cristina Tavares, Ana Isabel Vigário, Ana Maria Calil, Ana Melo, Ana Mouta, Ana Paulino, Ana Pereira, Ana Santos, Andreia Gouveia, Andreia Vale, Angélica Cruz, Angelina Sanches, António Andrade, António Neto-Mendes, António Oliveira, Bruna Ribas, Cândido Miguel Francisco, Carla Alves, Carla Baptista, Carla Cibebe Figueiredo, Carla Guerreiro, Carolina Gomes, Carolina Mendes, Cátia Carlos, Christiane Barbato, Cicera Lins, Clara Freire da Cruz, Clara Gomes, Cláudia Gomes, Cláudia Miranda, Conceição Leal da Costa, Cristiana Madureira, Cristina Bastos, Cristina Palmeirão, Cristina Pereira, Daniela Gonçalves, Diana Oliveira, Diogo Esteves, Diogo Esteves, Elisabete Pinto da Costa, Elvira Rodrigues, Elza Mesquita, Emilia Noormahomed, Eva M. Barreira Cerqueiras, Evangelina Bonifácio, Fernando Azevedo, Fernando Sousa, Filipa Araújo, Filipe Couto, Filipe Matos, Flávia Freire, Florbela Samagaio, Francisca Izabel Pereira Maciel, Giane Maria da Silva, Giovanna Costa, Graça Maria Pires, Helena Castro, Helena Correia, Henrique Gomes de Araújo, Ilda Freire, Ilídia Cabral, Isabel Cavas, Isabel Machado, Isabel Rabiais, Isabel Ramos, Isabel Santos, Isilda Monteiro, Joana Fernandes, Joana Isabel Leite, Joana Sousa, João Ferreira, João Formosinho, Joaquim Azevedo, Joaquim Machado, José Almeida, José Pedro Amorim, José Graça, José Matias Alves, José Pacheco, Juan Carlos Torrego Seijo, Laura Rego Agraso, Liliana Costa, Luís Castanheira, Luísa Moreira, Luísa Ribeiro Trigo, Luiz Filipe Machado, Macrina Fernandes, Magda M. R. Venancio, Mahomed Ibraimo, Márcia Leal, Margarida Quinta e Costa, Maria da Conceição Azevedo, Maria da Conceição Martins, Maria da Graça Ferreira da Costa Val, Maria de Lurdes Carvalho, Maria do Céu Roldão, Maria Helena Martinho, Maria Ivone Gaspar, Maria João de Carvalho, Maria José Rodrigues, Maria Lopes de Azevedo, Maria Lucimar Jacinto de Sousa, Marina Pinto, Marli Andre, Marta Garcia Tracana, Martins Vilanculos, Natália Costa, Nazaré Coimbra, Neusa Ambrosetti, Oscar Mofate, Paulo Carvalho, Paulo Gil, Raquel Mariño Fernández, Raul Manuel Tavares de Pina, Regina Coelli Gomes Nascimento, Renilton Cruz, Rosângela Gonçalves de Oliveira, Rosemar Lemos, Rui Amado, Rui Castro, Rui Cordeiro da Eira, Sandra Almeida, Sérgio Ferreira, Sílvia Amorim, Sofia Bergano, Sofia Oliveira Martins, Sónia Soares Lopes, Susana Gastal, Suzana Ribeiro, Teresa Guedes, Vitor Ribeiro, Vivian Assis, Vivianne Lopes, Zita Esteves

Design e Paginação: Departamento de Comunicação e Relações Públicas, Universidade Católica Portuguesa – Porto

Colaboração: Cristina Crava, Francisco Martins

ISBN: 978-989-99486-0-0

Editor: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia

Local e data: Porto, 2015

UM OLHAR DOS ALUNOS SOBRE A ESCOLA

CARLA MANUELA PIMENTEL FERNANDES BAPTISTA*¹ (baptistacarla@gmail.com) & MATIAS ALVES²

¹ Mestranda AOE, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal

² Centro de Estudos Em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal

*Autor da correspondência

RESUMO

O objetivo desta comunicação é compreender as perceções dos alunos, referenciados como tendo um nível elevado de sucesso académico, sobre o sentido (os sentidos) do seu processo de escolarização. Procura analisar-se de que forma este processo será uma resposta às expectativas, sonhos, necessidades dos jovens. Trata-se de um estudo descritivo e interpretativo dentro do paradigma qualitativo, pretendendo-se retratar a visão e as experiências escolares dos discentes. Encarando a realidade escolar como uma realidade complexa que exige uma análise em diferentes ângulos, esta investigação problematiza os desafios que se colocam atualmente às escolas através da voz dos alunos.

Os dados foram recolhidos numa escola secundária urbana no centro do Porto, junto de alunos dos 9º, 10º e 12º anos. As técnicas de recolha de dados usadas nesta investigação foram a do “Focus Group” e a elaboração de um diário de bordo sobre o processo de interação na escola por parte do investigador.

Trata-se, então, de uma análise exploratória e preliminar de uma investigação mais ampla no âmbito de um mestrado em Ciências da educação em curso na Católica Porto.

Palavras-chave: Voz dos alunos; função da escola; sentido(s) da escola

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Muito hoje se tem debatido a função da escola na sociedade atual. Perante um presente profundamente complexo e um futuro incerto, muitos investigadores pensam, refletem, interrogam-se sobre a eficiência dos modelos escolares institucionalizados.

Interessante notar que esta reflexão vem já dos inícios do século XX, não parecendo, no entanto, ter tido eco, pelo menos sistemático e consistente, nas práticas organizacionais escolares desde então.

Efetivamente, a pedagogia *deweyana*, os “centros de interesse” de Decroly, o método de Montessori, o “Plano Dalton” de Parkhurst, o “método dos projetos” de Kilpatrick, “a liberdade pulsional” de Neill e Rogers, os fundamentos teóricos de Skinner no ensino programado, a “classe em ação” de Dottrens, a educação da sociabilidade de Freinet, entre tantas outras teorias pedagógicas do século XX, permaneceram limitados ao âmbito de experiências isoladas que não conseguiram contagiar o sistema no seu conjunto. E não conseguiram, porque mantiveram a “gramática” do modelo escolar.

As ações escolares continuam, no início do século XXI, inseridas num modelo arcaico, desvinculadas das teorias pedagógicas, que por sua vez têm sofrido o “empobrecimento que suporta toda a teoria

que não resolve os problemas reais” (Tedesco, J. C., 2000, p. 45). Tedesco (2000, 45) faz o balanço da dicotomia teoria-ação pedagógicas da seguinte forma: “Os teóricos da educação foram desclassificados como utópicos e irrealistas e os empíricos da educação foram desclassificados pela incapacidade de justificarem, sistematizarem e difundirem as suas ações”.

Hoje, mais do que nunca, é urgente reinventar a escola. Como Perrenoud (2001, 22) refere, “num mundo onde a mudança se tornou um valor central, quem resistir abertamente desqualifica-se. É, por isso, necessário opor-se não à mudança mas a uma reforma, não porque ela obriga a renovar os seus hábitos – a verdadeira razão, mas por que está mal concebida e não responde às necessidades.”

Pela primeira vez na História, temos consciência que estamos a formar alunos/pessoas para tipos de sociedades que não conhecemos. Não serão, portanto, soluções as reformas de ensino formatadas, rígidas. É necessária uma reflexão filosófica, baseada na interrogação e na dúvida, dando-se lugar a instituições que saibam lidar com a incerteza através do modelo da experimentação (Tedesco, 2000).

Urge pensar e construir a escola do futuro com pressupostos humanistas, de cooperação, onde se estimule o gosto pelo ato intelectual de aprender, onde se viva a democracia, a tolerância, pensando-se o mundo para nele se intervir (Canário, 2005).

As orientações do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Delors, 1998) vão exatamente neste sentido – “a educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser” (101). O mesmo documento critica os atuais sistemas formais, apelando a outros caminhos: “Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.” (102); “Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos.” (100)

O que observamos, no entanto, ainda, atualmente, é exemplificado por Hargreaves (2003, 14) “em vez de finalidades ambiciosas pautadas pela humanidade e pelo sentido de comunidade, as escolas e os professores têm sido espartilhados pela estreiteza de visões que se concentram nos resultados dos exames, no cumprimento dos objetivos previamente estipulados e nos rankings das escolas.”

Efetivamente, “os professores e os alunos são, em conjunto, prisioneiros dos problemas e constrangimentos que decorrem do défice de sentido das situações escolares”, Canário (2005, p. 88).

Os modelos atuais estão deveras desadequados aos tempos em que vivemos. É urgente (re)olhar a escola com espírito aberto e responsável, “precisamos de vistas largas, de um pensamento que não se feche nem nas fronteiras do imediato, nem na ilusão de um futuro mais-que-perfeito.” (Nóvoa, 2009, p. 1).

Parece-me, então, assim, que o apelo de Roger Gilbert em 1974 ironicamente continua válido, “se a educação põe hoje mais problemas do que os que os melhores especialistas podem resolver, as soluções só se conseguirão pelo generoso esforço de todos.” (Gilbert, 1986, p. 272)

Acreditamos que as crianças e os jovens de hoje pedem essa nova escola, ainda que seja no silêncio, no conformismo ou na evasão como subterfúgio.

O que dizem os alunos acerca do seu processo de escolarização? Como sentem/percepcionam eles a escola?

Na experimentação de práticas ou construção de teorias pedagógicas inovadoras, não surge como comum a auscultação dos alunos. Perrenoud refere mesmo que “a pedagogia inovadora é ainda, muitas vezes, de uma grande ingenuidade, principalmente quando, ignorando o que sentem as crianças e os adolescentes, investe em dispositivos didáticos sofisticados.” (1995, p.19).

A voz do aluno, a voz da *pessoa que mora no aluno* (Alves, 2010) poderá ser um dos trilhos da caminhada da construção da escola do futuro.

Efetivamente, urge redimensionar perspetivas e como sugerem Rudduck & Flutter (2000, p. 75), “we need to look at schools from the pupils’ perspective and that means tuning in to their experiences and views and creating a new order of experience for them as active participants.”

Vários são já os investigadores de educação que têm chamado a atenção para a importância de ouvirmos o aluno. Parece-me fundamental lembrar aqui estas palavras (Soohoo, 1993, citado por Flutter, 2007, 352) “Somehow educators have forgotten the important connection between teachers and students. We listen to outside experts to inform us, and, consequently, we overlook the treasure in our very own backyards: our students. Student perceptions are valuable to our practice because they are authentic sources; they personally experience our classrooms firsthand.”

Fullan (2001) evidencia que os adultos frequentemente têm pensado os alunos como os beneficiários da mudança educacional, mas raramente como participantes num processo de mudança e na vida organizacional. Fullan vê as perspetivas das crianças como um recurso pouco utilizado, ainda que sejam elementos-chave com um papel vital no desenvolvimento do conhecimento relativo ao que é eficaz e não eficaz. Fullan (2001, 170) diz-nos que “Educational change, above all, is a people-related phenomenon for each and every individual. Students, even little ones, are people too. Unless they have some meaningful (to them) role in the enterprise, most educational change, indeed most education, will fail. I ask the reader not to think of students as running the school, but to entertain the following question: What would happen if we treated the student as someone whose opinion mattered in the introduction and implementation of reform in schools?”

Efetivamente, defende-se cada vez mais o papel ativo e interventivo do aluno nas escolas. Como convictamente defende Meirieu (2014, 5) “Car, en réalité, on ne transmet rien vraiment sans que celui à qui l’on s’adresse ne s’implique, ne s’engage lui même dans un apprentissage don’t il doit être l’acteur pour devenir progressivement auteur. Auteur de lui même et auteur dans le monde.”

Ora, é difícil pensar como será isto alcançado sem consultar e ouvir as narrativas dos alunos. A voz do aluno trará outras visões acerca da realidade escolar. Acreditamos que a análise das diferentes visões de uma realidade acarreta um alargamento e aprofundamento do conhecimento dessa mesma realidade.

A escola deste milénio terá que ser construída tendo em conta o olhar, a perspetiva do aluno, da pessoa dentro do aluno. Como, calorosamente, Alves (2000, 30) defende “A escolaridade é, assim, para muitos alunos, um túnel no fundo do qual não se vislumbra qualquer luz. Reféns do modelo escolar e de um mundo de trabalho que os desqualifica e precariza os vínculos laborais, os alunos estão à deriva e lançam um olhar perdido. Buscam, às vezes, só um olhar de compreensão. Uma palavra de afeto. O sofrimento dos alunos é também o sofrimento dos professores. A revisão e flexibilização (os nomes pós-modernos da banida “reforma”) têm de resgatar estes sofrimentos se quisermos começar a construir a escola do próximo milénio.”

2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Está a ser realizado um estudo que incide sobre as percepções e as experiências de alunos do ensino básico e do ensino secundário sobre a escola. Trata-se de um estudo descritivo e interpretativo dentro do paradigma qualitativo, pretendendo-se retratar a visão e as experiências escolares dos discentes.

Este estudo pretende entrar no mundo pessoal dos participantes (alunos), dando voz aos alunos, normalmente ignorados nas decisões relativas ao processo de escolarização (nos diferentes níveis: sala de aula; escola; ministério da educação), captando-se, assim, a realidade tal como a veem e vivem os alunos.

Os dados foram recolhidos numa escola secundária urbana no centro do Porto, junto de alunos dos 9º, 10º e 12º anos. As técnicas de recolha de dados usadas nesta investigação foram a do “Focus Group” e a elaboração de um diário de vivências na escola por parte do investigador, tratando-se, assim, de uma análise exploratória e preliminar de uma investigação mais ampla no âmbito de um mestrado em Ciências da educação em curso na Católica Porto.

Relativamente à técnica do “Focus Group”, a amostra é constituída por três grupos de sete alunos, pertencendo cada grupo a um diferente nível de escolaridade (9º ano / 10º ano / 12º ano). Os alunos foram selecionados a partir de um critério específico: obtenção de resultados académicos escolares ótimos no final do 2º período do ano letivo 2014/2015 (média de 5, no ensino básico / média igual ou superior a 18, no ensino secundário), de forma a que se perceba se e como a escola responde às expectativas, sonhos, interesses dos alunos referenciados com ótimo sucesso escolar.

Muito se debate sobre o insucesso escolar, a finalidade deste estudo baseia-se, no entanto, em perceber que sentido(s) os alunos com sucesso académico veem no seu processo escolar. É que, efetivamente, pretendemos que os aspetos relacionados como insucesso escolar não constituam, assim, uma entropia no estudo que pretendemos.

Aquando das entrevistas realizadas, conseguiu-se criar um ambiente aberto, natural, o que proporcionou uma liberdade de expressão por parte dos alunos. Os próprios alunos referiram que não diriam o que estavam a dizer se estivessem lá os seus professores. Foram feitas gravações áudio e não filmagens, por se ter percebido que os alunos estariam menos inibidos desta forma. Para cada grupo de alunos, existe um registo de gravação áudio de cerca de 150 minutos.

O guião que orientou cada “Focus Group” foi o mesmo, tendo abrangido as seguintes temáticas: percepções sobre a escola em geral; percepções sobre as práticas curriculares na sala de aula e no processo de avaliação; percepções sobre os professores; percepções sobre as práticas escolares (para além do currículo formal) da organização; percepções sobre as relações com os pares e sobre os momentos/ espaços de convívio social; representações dos alunos sobre eles próprios.

A outra técnica de recolha de dados para este trabalho de investigação – diário de bordo do investigador - levará a uma análise de conteúdo de um *corpus* de texto relativo ao registo de um mês.

De referir que o investigador é professor na mesma escola onde os alunos selecionados para os “focus group” referidos. Assim, temos duas *lentes* a lerem a mesma organização escolar.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo encontra-se, ainda, em fase de realização, podendo, no entanto, desde já avançar-se com algumas ideias-chave relativas aos objetivos inicialmente definidos.

A partir da técnica “Focus Group”, ficamos a saber que a maior parte dos alunos manifestaram muito gosto em participar na atividade, referindo que este tipo de atividade de auscultação da voz dos alunos deveria ser comum nas escolas e sistemático. Globalmente, os alunos consideraram que geralmente as escolas não ouvem os alunos e que teriam todos a ganhar com esta prática escolar. Foi referido, ainda, pela maioria dos alunos que os professores “menos bons” são os que menos querem ouvir a opinião dos alunos. Vários alunos referem que os professores não pedem a opinião dos alunos acerca de praticamente nada, focando-se nas suas planificações de aula. (De referir que alguns alunos até consideraram, no início, estranha a questão relativa ao facto de os professores ouvirem os discentes, alegando que os professores não os têm que ouvir) Todos os alunos do grupo dos mais velhos (12ºano) consideram que seria fundamental que os professores ouvissem o que os alunos pensam sobre as aulas, a aprendizagem e a escola, referindo, por exemplo, que os professores que se preocupam com os alunos e com o sucesso das aulas são aqueles que solicitam a opinião dos alunos acerca das aulas. Relativamente, ainda, a este assunto, alguns alunos referiram que quando as escolas pedem a opinião dos alunos (reuniões com os representantes de cada turma e com elementos da direção), os assuntos estão relacionados com questões de cantina, transportes, campos de jogos, salas de alunos. Refeririam, por exemplo, que se chega a passar muitas horas a debater a qualidade da comida da cantina, ao invés de debaterem assuntos que realmente seriam importantes para a felicidade dos alunos na escola, acrescentando que sentem que mesmo os assuntos discutidos assim não aparecem, depois, efetivamente resolvidos.

Relativamente à temática da percepção da escola em geral, a maioria dos alunos consideram que se sentem bem e felizes na escola devido aos amigos que lá têm, notando-se uma tónica muito forte na ideia da escola como um espaço social de convívio, sendo aqui que fazem os grandes amigos. Vários alunos referem que a escola é muito cansativa, exige muitas horas de trabalho dos alunos dentro e fora da escola, considerando que a escola ocupa-os de tal maneira que os não liberta para outro tipo de atividades (artes, desportivas....). Alguns alunos referem que não se sentem felizes em algumas aulas, por não sentirem que são profícuas, chegando a ser referido que, em algumas aulas, o trabalho é tão pouco e de tão baixa qualidade que mais valia estarem em casa a estudarem ou a fazerem outras atividades. Alguns alunos referem que a escola deveria proporcionar a escolha das disciplinas, que os alunos deveriam, pelo menos no secundário, ter mais opções e escolherem as áreas do saber que têm mais curiosidade. “Sentir-me feliz na escola sem ser relacionado com a parte social, só mesmo se pudesse escolher as disciplinas. Por exemplo, passar um fim de semana a estudar matérias que não gosto, confesso que não me sinto feliz.” A123

Ainda relativamente à percepção da escola, os alunos mais velhos (12ºano) são unânimes em considerarem que a escola não os prepara para a sua vida futura, uma vez que o conhecimento transmitido na escola é muito específico e teórico, não relacionado com a realidade/o mundo que veem todos os dias, por exemplo, nos meios de comunicação. Consideram, ainda, estes alunos que a escola não desenvolve a formação cívica e política. Dois alunos, por exemplo, referem que tinham recebido havia pouco tempo uma carta, em casa, informando-os de que passariam agora a ter o direito de ir votar, mas que se sentiam profundamente inseguros e incapazes de tomar uma decisão por eles próprios. “Eu já recebi o papel em casa para ir votar, mas sinto que não tenho qualquer tipo de capacidade de decisão...para saber em que é que estou a votar com plena compreensão.” A122

A escola é vista por vários alunos como uma organização que formata os futuros cidadãos, preparando-os para cumprir os deveres que interessam à sociedade, não dando espaço à criatividade e liberdade. “A escola preocupa-se mais com seguirmos os nossos deveres mais tarde, sermos bons cidadãos, em vez de criar jovens que possam vir a mudar e vir melhorar o país... querem mais jovens que não atrapalhem....é

mais isso (risos)” A123; “Não é que não goste, que não ache que seja necessária (porque é), mas com tantas coisas sistematizadas, temos de seguir todos os mesmos caminhos, e temos de ser todos iguais e todos reduzidos à mesma coisa... acho que tira um bocado o valor à escola.” A126

Relativamente às aulas, a maioria dos alunos considera que as atividades letivas deveriam ser mais práticas, menos teóricas, mais relacionadas com os interesses e curiosidades dos alunos. Alguns alunos consideram que desta forma aprenderiam mais e melhor. Alguns alunos referem, também, que muitas aulas são tempo desperdiçado e que sentem que aprendem melhor com os colegas. Alguns alunos apontam que o seu elevado sucesso académico deve-se essencialmente ao trabalho individual e ao seu próprio esforço, não se devendo às aulas. Vários alunos referiram que não conseguem falar das aulas, sem falar dos professores. “O professor é a aula. A aula depende muito da personalidade do professor e da capacidade que ele tem em nos deixar à vontade, mas com algum respeito na mesma.” A124

No que diz respeito aos professores, todos os alunos referem que há dois tipos de professores, os bons (interessados, sabem os nomes dos alunos, preocupam-se em esclarecer as dúvidas a todos os alunos, diversificam as práticas, explicam bem, são amigos e exigentes ao mesmo tempo) e os maus (não sabem os nomes dos alunos, são autoritários, não explicam bem a matéria, passam aulas a falar, falam da vida deles, não esclarecem dúvidas a todos os alunos, não mantêm a ordem na aula). Vários alunos referem que os professores deveriam aceitar as críticas, serem mais abertos às opiniões dos alunos, mais flexíveis e que tratassem todos os alunos do mesmo modo.

A partir da técnica de recolha de dados do diário de bordo do investigador, poderá apontar-se como ideias centrais: alunos expressam que não veem sentido naquilo que aprendem nas aulas, alguns alunos demonstram precisar de carinho e atenção por parte dos professores para aprenderem melhor; alunos expressam que têm professores que não podem servir de modelo de conduta para eles; alunos mostram que apenas fazem os trabalhos pedidos em contexto de sala de aula, porque serão avaliados (classificados) por isso; professores não têm certeza de que as reuniões e estratégias da escola sejam eficazes e eficientes no que diz respeito ao sucesso académico e comportamento adequado de determinados alunos; alguns professores verbalizam que se sentem impotentes no trabalho com determinadas turmas e com determinados alunos; há professores que manifestam vontade em deixar de ser professores e caminham tristemente para a sala de aula; professores referem que há alturas que se limitam a *dar a matéria*, ficando aliviados com a *missão cumprida*, mesmo sabendo, e verbalizando esse saber, que a maioria dos alunos não está a aprender nada.

4. CONCLUSÕES

Regista-se uma cultura de escola na qual as regras da gramática escolar e as estratégias de ensino-aprendizagem mobilizadas pelos docentes se mantêm praticamente inalteradas. Alunos e professores manifestam o seu *desencanto* pelas práticas escolares relacionadas com o ensino-aprendizagem.

Mas se por um lado, nos alunos, é patente uma energia positiva, construtiva, bem como uma vontade em participar na melhoria e na construção de uma nova forma de aprender, uma nova forma de se fazer escola, por outro lado, os professores apresentam desânimo, cansaço, pouca esperança e poucas ideias de mudança.

Os alunos poderão vir a ser um fulcral agente na mudança do paradigma escolar no século XXI. A *voz do aluno* integrada sistemicamente numa reinventada organização escolar poderá ser um dos caminhos na construção da escola que precisamos neste novo século.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, J. M. (2000). O primeiro de todos os ofícios. Porto: Asa
- Alves, J. M. (2010). Reinventar a Escola para Redescobrir as Pessoas. Revista Interdisciplinar sobre o Desenvolvimento Humano. 1, p. 67-74
- Canário, R. (2005). O que é a Escola? – Um “olhar” sociológico. Porto: Porto Editora
- Delors, J. (Coord.) (1998). Educação. Um Tesouro a Descobrir. Relatório Para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. S.Paulo: Cortez Editora
- Gilbert, R. (1986). As ideias atuais em pedagogia. Lisboa: Moraes Editores
- Hargreaves, A. (2003). O Ensino na Sociedade do Conhecimento – A educação na era da insegurança. Porto: Porto Editora
- Flutter, J. (2007) Teacher development and pupil voice. Curriculum Journal, 18(3), 343-354.
- Fullan, M. (2007). The new meaning of educational change 4th ed. Nova Iorque: Teachers College, Columbia University
- Meirieu, P. (2014). “Ca va bien à l'école?”. [em linha]. Disponível em http://www.meirieu.com/nouveaublocnotes_dernier_01_2013.htm. [Consultado em 15/11/2014].
- Nóvoa, A. (2009). Educação 2021: Para uma história do futuro. [em linha] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/670>. [Consultado em 15/11/2014].
- Perrenoud, P. (1995). Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar. Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (2001). Porquê construir competências a partir da escola? – Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades. Porto: Asa
- Rudduck, J e Flutter, J. (2000). Pupil Participation and Pupil Perspective: ‘carving a new order of experience’. Cambridge Journal of Education, 30 (1), pp.75-89.
- Tedesco, J. C. (2000). O novo pacto educativo. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão